

### **Memórias de imagem e som: a iconografia musical do acervo Christiano Câmara**

Alef James Braga Fonseca  
Luciana Rodrigues Gifoni  
Universidade Estadual do Ceará

## **Menção Honrosa no Prêmio Mercedes Reis Pequeno 2017**

### **1. Introdução**

A casa de Christiano Câmara (1935 - 2016) e Dona Douvina abriga um acervo com milhares de discos de cera e vinil, livros, fotografias, fitas de vídeo, CDs, DVDs e centenas de quadros e recortes de jornais e revistas, acumulados pelo “ajuntador”, como ele próprio se descrevia, ao longo de mais de sessenta anos. Os itens, mais que especiais, transformam a residência de número 162 na Rua Baturité – que em breve receberá o nome de seu saudoso morador – em um museu particular com um dos mais ricos patrimônios culturais da cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

Seu Christiano e Dona Douvina nunca tiveram qualquer tipo de apoio governamental para manter o acervo, contando apenas com a ajuda de familiares e amigos. Mesmo assim, estiveram sempre com as portas abertas a receber seus visitantes com muito carinho, respeito e atenção.

Falecido em março de 2016, o memorialista deixou para trás um lugar cujas paredes, mesas, cadeiras e sofás acolhem importantes acontecimentos e obras musicais e cinematográficas do Brasil e do mundo do final do século XIX à primeira metade do século XX. Embora a grande procura dos pesquisadores e visitantes do museu seja pelos registros sonoros extremamente raros do colecionador, os documentos iconográficos da casa somam cerca de 800 itens que mostram o Brasil de artistas consagrados como Noel Rosa, Heitor Villa-Lobos, Pixinguinha, Ratinho, Luperce Miranda, Francisco Alves e muitos outros.

Fazemos neste trabalho uma apresentação geral do acervo de Christiano Câmara, com destaque para os documentos iconográficos. Objetivamos, em um momento posterior, iniciar o trabalho de identificação e descrição do acervo iconográfico musical da casa, seguindo as especificações de catalogação do projeto RIDIM Brasil.

## 2. Nota biográfica

Christiano Câmara nasceu em outubro de 1935 e faleceu em março de 2016 em Fortaleza – CE, às vésperas de seus 81 anos. Funcionário aposentado do Banco do Brasil, dedicou mais de 60 anos ao hobby que deu origem ao seu acervo particular. Morou a vida inteira no mesmo lugar, a casa de número 162 da rua Baturité, no Centro, e costumava dizer que sempre dormiu “na mesma cama em que nasceu”.

Casou-se com Douvina de Andrade Câmara e juntos tiveram três filhas: Wanda, Zuleika e Yara Andrade Câmara (esta última faleceu por meningite aos 14 anos). Era filho do renomado jornalista fortalezense Gilberto Pessoa Câmara (1897-1953) e de Zuleika Stael Catunda Gondim Pessoa de Torres Câmara. Seu tio era o famoso “santo rebelde”, Dom Hélder Câmara (1909-1999), arcebispo emérito de Olinda, fundador da CNBB<sup>1</sup>, e seus irmãos os enxadristas MI<sup>2</sup> Helder Câmara (1937-2016) e MN<sup>3</sup> Ronald Câmara (1927-2015).

Christiano não tinha grandes ambições de vida profissional ou acadêmica, seu primeiro emprego foi em 1950, aos 15 anos, como contínuo do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Lá permaneceu por 5 anos, até o segundo emprego em 1955, aos 20 anos, também como contínuo mas do Banco do Brasil, indicado pelo pai; cargo que ocupou até a aposentadoria, 25 anos mais tarde.

Meu pai, explorando o nome do irmão famoso, D. Hélder [...], arranhou-me um emprego de contínuo no Banco do Brasil, [...] – que naquela época não podia, não era como hoje que você nomeia qualquer coisa pra chefia. E nisso fiquei, nunca tive ambição de crescer em coisa nenhuma. (REVISTA ENTREVISTA, 2006, p. 29-30)

---

<sup>1</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

<sup>2</sup> Mestre Internacional.

<sup>3</sup> Mestre Nacional (titulações outorgadas pela FIDE ou FIE - Fédération Internationale des *Échecs*).

Nunca teve interesse em dar prosseguimento aos estudos formais, embora frequentemente se mostrasse descontente com o fato de não possuir titulações que lhe conferissem maior reconhecimento como pesquisador. Suas poucas atuações na academia eram palestras a convite de professores universitários; atividades geralmente não remuneradas.

### 3. O ajuntador de sons e imagens

Há certas controvérsias sobre as titulações atribuídas a Christiano Câmara; pelo fato de nunca ter seguido carreira acadêmica, alguns o chamam de memorialista, outros musicólogo, crítico ou colecionador. O próprio, quando indagado, referia-se a si mesmo como “ajuntador” e pesquisador, e costumava concluir suas falas sobre o tema com o seguinte pensamento:

A figura do colecionador é, no mínimo, pra dizer barato, execrável. Porque ele coleciona por colecionar, pela raridade da coisa. Ele é um egoísta. Então, o colecionador em si não tem função social nenhuma. (enfático) É uma função puramente pessoal e vaidosa (REVISTA ENTREVISTA, 2006, p. 26).

Embora sua posição sobre o que é ser “coleccionador”, em algumas entrevistas, seja de repulsa, havia certa contradição em seu discurso quando repudiava o ato de colecionar, mas defendia a necessidade de existirem “coleções”. Costumava dizer que cabe aos órgãos públicos a preservação e disponibilização de documentos históricos em locais acessíveis à população, mas “já que não fazem”, as pessoas é que precisam fazê-lo “por conta própria”, e acabam se tornando colecionadores, por vezes, “egoístas”.

Christiano contava que até os 27 anos havia sido um simples colecionador; o interesse pela pesquisa histórica e a necessidade de utilizar recursos iconográficos surgiu quando, no início dos anos 60, já conhecido na região por sua coleção de discos, passou a ser frequentemente visitado por pessoas interessadas em seu material sonoro, que lhe questionavam sobre os intérpretes e compositores das músicas, algumas com compreensões distorcidas de quem e como eram os artistas.

Chegavam aqui e queriam uma música do velho Silvio Caldas (cantor e compositor carioca, 1908-1998). Eu digo: ‘Não, meu Deus. Silvio Caldas quando gravou isso aí não era velho’. *Aí eu vi a necessidade de aliar a música que era nova, do Silvio Caldas com voz de novo, ainda novo, ao retrato* (REVISTA ENTREVISTA, 2006, p. 26, grifos nossos).

A partir de então, começou a inserir, conforme a necessidade, fotografias, quadros, esculturas e vários outros tipos de iconografias que representam os artistas, grupos, maestros, instrumentos de modo que pudessem lhe servir de demonstrativos ao descrever os autores de determinadas obras em determinados períodos. Surgiu, assim, o pesquisador Christiano Câmara.

#### 4. A casa 162, o acervo e suas iconografias

Com fotografias de familiares lado a lado a de artistas, o minimuseu de Christiano e Douvina Câmara é sua própria residência. Por falta de um local exclusivo e adequado para abrigar todo o acervo do casal, os objetos foram dispostos por toda a casa; cada cômodo recebe milhares de itens, organizados de acordo com suas conveniências. Quando questionado sobre esta situação, o memorialista relata:

a casa é que se transformou no museu. Porque eu procuro ajeitar as coisas de acordo com minhas conveniências. Por exemplo, quando chega um neto... Não tem coisa mais preciosa do que a família. [...] Transformou-se em museu por causa do descaso das autoridades (REVISTA ENTREVISTA, 2006, p. 26-27).



Imagem 1: sala de estar da casa de Christiano e Douvina. Fonte: acervo do autor.

O acervo contém milhares de discos (aproximadamente 20 mil os de cera, e 8 mil os de vinil), livros, fotografias, fitas de vídeo, CDs, DVDs, quadros e recortes de jornais e revistas. Christiano começou a comprar e a ganhar os primeiros discos por volta de 1952, aos 17 anos.

O conteúdo refere-se ao final do século XIX até a primeira metade do século XX, e maior parte das documentações de música contempla as décadas de 30, 40 e 50. Em relação à iconografia musical, o acervo contém originais e reproduções de fotografias, pinturas, recortes de jornais e revistas, cartazes e capas de disco.

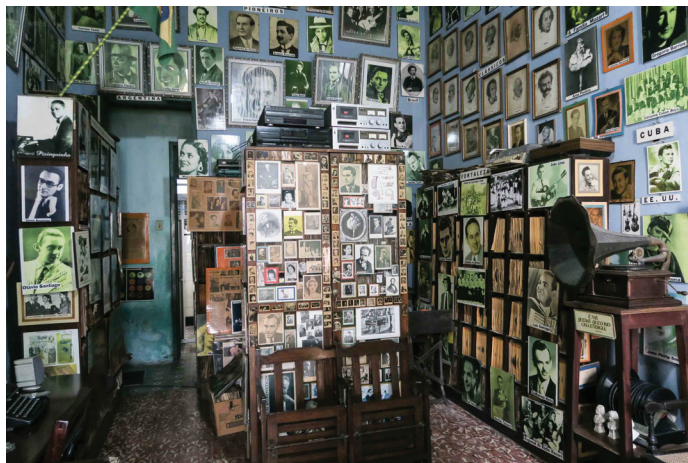


Imagem 2: parte dos documentos do acervo. Fonte: acervo do autor.

#### 4.1. Documentos e disposição

A casa contém sete cômodos e, destes, cinco foram especialmente dedicados à “organização” da documentação do acervo (Imagem 3), sendo:

(a) Um pequeno hall de entrada, com iconografias diversas de familiares, artistas da música e cinema, livros, recortes de jornais e adereços diversos (Imagem 4);

(b) Sala com iconografias diversas de artistas da música erudita e do cinema, livros, recortes de jornais e adereços diversos (Imagem 5);

(c) Sala com conteúdo diversificado de cinema de vários países; rolos de filmes, DVDs, fitas de vídeo VHS, iconografias diversas, equipamentos e adereços (Imagem 6);

(d) Sala “Francisco Alves”, contém a maior parte dos discos de cera e vinil, iconografias diversas de artistas e grupos da música popular e erudita, equipamentos e adereços diversos (Imagem 7);

<sup>4</sup> Embora tudo esteja sempre no mesmo lugar, somente Christiano conhecia, de fato, a localização exata dos itens do acervo, pois nada foi catalogado ou mapeado em qualquer registro de modo a orientar visitantes e pesquisadores.

(e) Sala com iconografias diversas do cinema de vários países, livros, equipamentos e adereços diversos (Imagem 8).

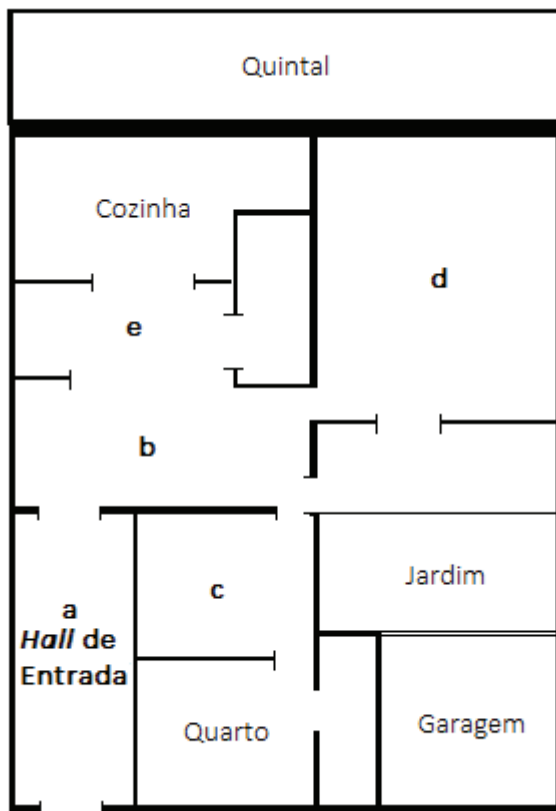


Imagem 3: mapa da disposição dos documentos na casa. Fonte: autor.

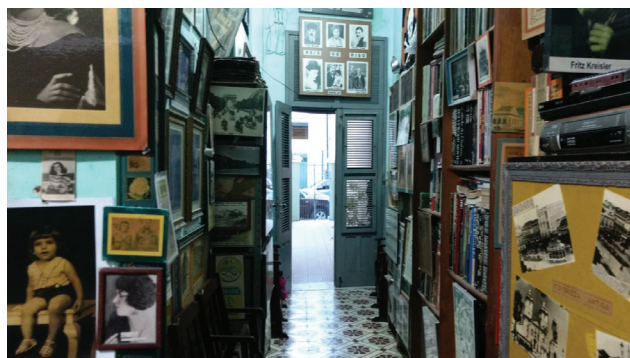


Imagem 4: hall de entrada da casa de Christiano e Douvina. Fonte: acervo do autor.



Imagem 5: sala de estar da casa de Cristiano e Douvina. Fonte: acervo do autor.



Imagem 6: sala com conteúdo de cinema. Fonte: acervo do autor.

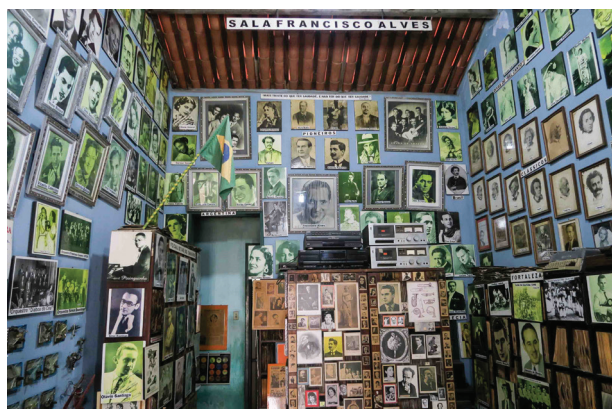


Imagem 7: sala “Francisco Alves”. Fonte: acervo do autor.



Imagem 8: sala com iconografias do cinema. Fonte: acervo do autor.

Com um caráter museológico, todos os documentos iconográficos do acervo possuem legendas com breves descrições das pessoas, instrumentos e datas<sup>5</sup> aos quais os itens se referem. Apesar disso, nenhum documento jamais foi catalogado a título de organização por escrito, como um arquivo; todas as informações sobre a localização precisa de cada item permaneciam apenas em sua mente (Imagem 9).

O acervo possui iconografias musicais diversas referentes a cantores, compositores, instrumentistas, regentes, grupos, orquestras, instrumentos e equipamentos musicais. Christiano tentou, em alguns momentos<sup>6</sup>, separar o conteúdo do acervo por determinadas classificações: por origem, como “França” e “cearenses”; e por certos critérios musicais mais amplos, como “pioneiros”, “música clássica”, “música popular”, e “grandes maestros”. No entanto, percebemos que não há uma lógica convencional nestas classificações, nem é possível afirmar que a disposição dos documentos obedece rigorosamente às subdivisões indicadas, pois muitos itens foram sendo colocados em outras partes da casa conforme faltava espaço.

<sup>5</sup> Poucos itens possuem indicação precisa de datas nas legendas, pois o objetivo principal de Christiano era ilustrar o autor por trás das obras. Interessava-lhe as imagens das pessoas; as obras eram listadas em suas oratórias.

<sup>6</sup> Ainda não sabemos as datas ou períodos em que Christiano Câmara começou a classificar determinados conteúdos do acervo. Os familiares não sabem ao certo, e não têm conhecimento de qualquer registro por escrito, com estas informações, que possa ser consultado.





Imagem 9: exemplo de legendas aplicadas sobre o material iconográfico. Fonte: acervo do autor.

A maior parte das iconografias do acervo provém de doações que Christiano recebeu ao longo dos anos; suas filhas contam que o memorialista recebia fotografias originais – algumas autografadas – dos artistas e grupos, mas nunca as colocava nas paredes; costumava gerar reproduções ampliadas para exibi-las aos visitantes<sup>7</sup>. Conseguimos identificar, com o auxílio das legendas, a quem ou a quem se referem alguns itens, mas devido às circunstâncias, suas origens são incertas.

A imagem 10 ilustra uma reprodução de uma fotografia do grupo “Os 8 Batutas”, do ano de 1920<sup>8</sup>. O item está exibido na sala “Francisco Alves” (ver Imagem 6) e mostra a formação: Pixinguinha, Raul Palmieri, José Alves, China, Jacob Palmieri, Luís de Oliveira, Donga, Nelson Alves e o empresário José Segreto.

A imagem 11 ilustra uma reprodução de um quadro do grupo “Regional da Rádio Record”<sup>9</sup> em 1936. O item está exibido na sala Francisco Alves e mostra a formação: Sute, Rago, Zé Carioca, Ernesto da Flauta, Armandinho e Penosa.

<sup>7</sup> Procuramos ter acesso aos documentos originais que, segundo as filhas, foram guardados em algumas caixas pelo próprio Christiano Câmara, mas não foram encontradas.

<sup>8</sup> O grupo foi criado em 1919. (BRASIL, 2012, p. 21.).

<sup>9</sup> A emissora foi fundada em 2 de Abril de 1928, em São Paulo, pelo empresário Álvaro Liberato de Macedo, com o prefixo PRA-R (PASQUALINI, 2002, p. 185-208).



Imagem 10: quadro do grupo Os 8 Batutas. Fonte: acervo do autor.



Imagem 11: quadro do grupo Regional da Rádio Record. Fonte: acervo do autor.

## 5. Considerações finais

Em razão de não haver nenhum registro das documentações e/ou sua organização por escrito, é difícil qualificar a verdadeira natureza do acervo como sendo arquivo, coleção ou um acúmulo desordenado de objetos, conforme a orientação de Cotta e Blanco (2006). Todavia, há certa lógica organizacional perceptível entre os cômodos da casa, mas suas características precisas, até o momento, somente Christiano conhecia. Este, aliado a outros fatores, torna extremamente árduo o processo de catalogação e mapeamento dos documentos.

Nas circunstâncias atuais, em que não existem pessoas especialmente dedicadas à manutenção do acervo, torna-se de extrema urgência que a catalogação dos documentos seja efetuada para ser possível uma destinação definitiva que garanta, ao menos em parte, a sua preservação. Pois todos os itens estão expostos diariamente a diversos fatores que comprometem sua integridade, desde alterações de temperatura, por falta de um ambiente devidamente climatizado, a insetos, roedores, acúmulo de poeira, mofo, para citar alguns.

Entretanto, após o falecimento de Christiano Câmara, em março de 2016, os únicos moradores restantes na casa são a viúva, dona Douvina (em tratamento do Alzheimer), e suas cuidadoras. Por esta razão, o acesso ao acervo tornou-se restrito a amigos da família ou somente quando uma das filhas (Wanda ou Zuleika Câmara) estiver presente. Por isso, apesar da urgência, decidimos dar início ao processo de catalogação das iconografias musicais, nesta primeira fase, apenas quando todas as questões envolvendo a disponibilidade, a segurança e a acessibilidade das documentações estiverem acertadas, evitando assim danos ou inconveniências de qualquer natureza aos itens e à família.

## Referências

- BANCO DO BRASIL; BRASIL, Ministério da Cultura. **Pizindin, Pechinguinha, Pixinguinha**. Brasília, 2012.
- COTTA, A.G.; BLANCO, P.S., org. **Arquivologia e patrimônio musical**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- GONÇALVES, E. **A Casa Edison e a formação do mercado fonográfico no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX**. Rio de Janeiro: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 9, 2011, p. 105-122.
- PASQUALINI, M.E. **Os arranjadores da Rádio Record de São Paulo, 1928-1965**. Rio de Janeiro, 2012. p. 185-208.
- REVISTA ENTREVISTA. **Fortaleza: Curso de Comunicação Social da UFC**, nº 18, 2006, p. 25-51.